

PORTUGUÊS

- uma língua no continente africano

Glória de Brito
Investigadora no CLEPUL
Docente da Universidade Sénior de Almada

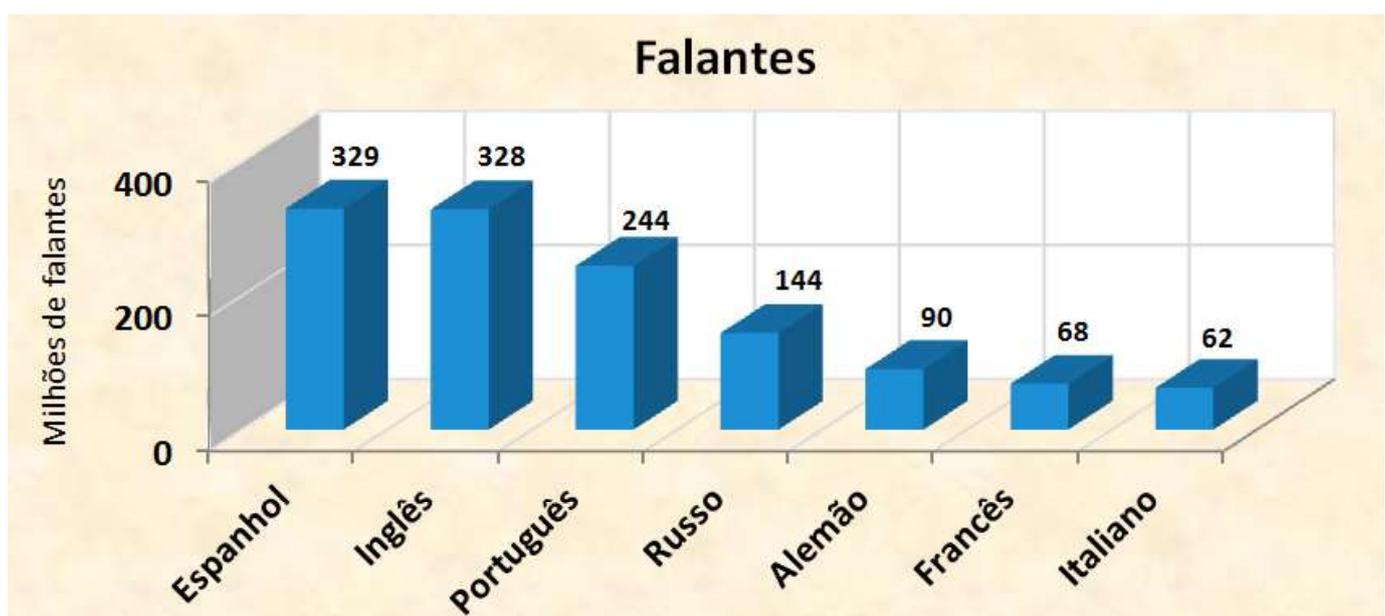
Itinerário da expansão geográfica

No dia vinte e sete de Junho de 2014, várias personalidades da vida política e cultural de Portugal e dos países de língua portuguesa celebraram os oitocentos anos do nascimento do português. A escolha deste marco histórico remonta ao recuado dia vinte e sete de Junho de 1214, data em que foi assinado em Coimbra o Testamento do rei D. Afonso II, considerado o mais antigo documento oficial escrito em português. Neste longo percurso, a língua portuguesa expandiu-se pelos quatro continentes, passando de língua de uma pequena nação a uma língua internacional, com cerca de 244 milhões de falantes e a terceira língua europeia com maior projecção mundial, a seguir ao inglês e ao espanhol.

Desde o século XV, após a conquista de Ceuta (1415) que a língua portuguesa começa o seu périplo pela costa ocidental africana e, mais tar-

de, atinge a costa africana do Índico em 1488. Em 1498 chega a Calecute. Os primeiros contactos e trocas comerciais entre portugueses e africanos iniciaram-se através da comunicação gestual. Porém, gradualmente, os portugueses começaram a ensinar a sua língua aos africanos que lhes serviam de intérpretes, os “línguas”. O português foi, assim, expandindo-se lentamente nas costas e ilhas africanas, bem como nos territórios do Brasil e da Ásia.

Durante o prolongado processo de colonização africana, Portugueses de todas as regiões de Portugal estabeleceram-se em povoações e feitorias, inicialmente no litoral e nas ilhas, para onde transplantaram a sua língua, ou melhor os seus dialectos. Com o continuado povoamento dos territórios ocupados, a língua-mãe aí utilizada teve desenvolvimentos próprios, chegando aos nossos dias com plena vitalidade. Ivo de Castro considera que “o português associou-se a línguas locais para produzir pidgins e crioulos, possivelmente segundo uma matriz única (o proto-crioulo português) que explicaria semelhanças entre línguas que nunca estiveram em contacto”.² E Baltasar Lopes sublinha que



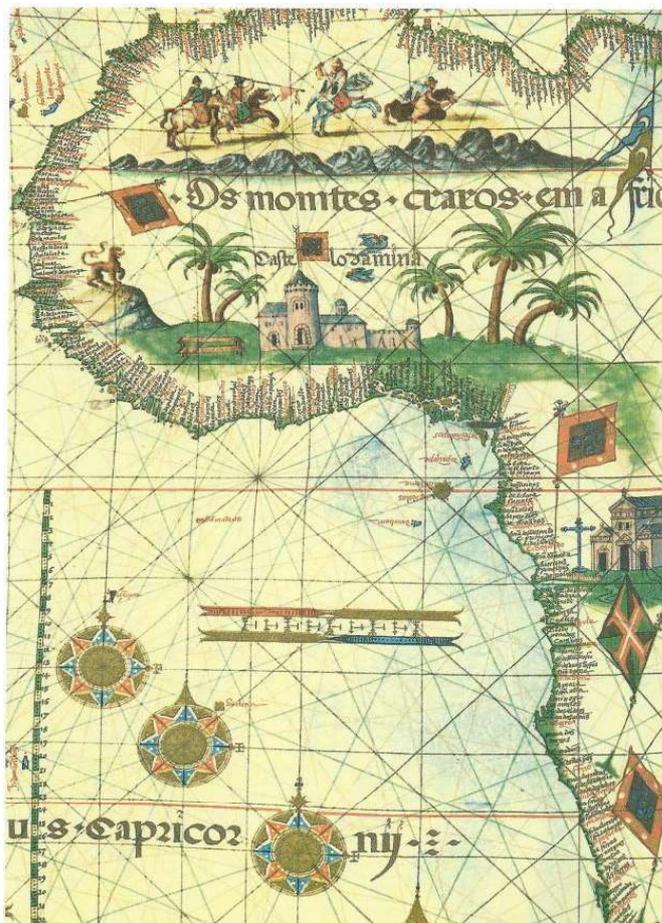
As línguas europeias mais faladas no mundo (02-07-2010)¹

se verificam afinidades estreitas nas variedades do português utilizado nos países de língua portuguesa, embora afastados uns dos outros:

Um cabo-verdiano, um indo-português, um brasileiro, apresentam um *sotaque* que os aparenta imediatamente; *pecam* pela mesma indecisão entre o “o” e o “lhe” nos regimes directo e indirecto; pela frequentíssima troca entre as posições proclítica e apoclítica dos pronomes pessoais complementos; por uma singularmente idêntica preferência na escolha de vocábulos que já hoje não são de uso no português normal nas mesmas circunstâncias, etc.³

A evolução do português fora do seu espaço de origem, em contacto com as línguas nacionais africanas, na maioria pertencentes à família bantu, conduziu a fenómenos de interferência mútua, ao enriquecimento vocabular e a alterações fonéticas, fonológicas morfossintácticas e semânticas distintas do português padrão.

Comerciantes, missionários, militares concorreram na acção de difusão da língua portuguesa, da religião cristã e da civilização europeia, ignorando, ou até reprimindo, por vezes, as línguas e as práticas culturais e religiosas dos povos autóctones dos territórios africanos ocupados. A expansão da língua portuguesa desenvolveu-se inicialmente pela via dos contactos directos e gradualmente pela via do ensino nas missões e nas escolas. É de salientar a influência da missão, enquadrada por uma legislação específica ao longo do processo de colonização, como refere Maria Emília Madeira Santos: “A implantação do sistema colonial, com o seu modelo prismático, centrado na ocupação/assimilação, não deixa as missões, pelo menos as católicas, à margem, uma vez percebido o seu papel transformador e modelador face aos costumes e culturas africanas”.⁴ A acção missionária assumiu um papel relevante no ensino elementar e religioso, bem como na preparação dos “filhos da terra” para acederem a cargos no clero e no ensino. “Cada convento era também escola – e dela mais ficou o interesse pelo português escrito e falado do que a atracção para as coisas de Deus e para os segredos da terra”, afirma António Luís Ferronha.⁵



Sebastião Lopes, 1558, in *Portugaliae Monumenta Cartographica*

Assim, a língua portuguesa se foi fixando e desenvolvendo nos países africanos de influência portuguesa cujas fronteiras hoje conhecidas como Angola, Guiné-Bissau e Moçambique datam apenas do séc. XIX. Nos arquipélagos de Cabo Verde e de S. Tomé e Príncipe, povoados pouco tempo depois da sua descoberta, desenvolveu-se uma cultura mestiça veiculada pelos crioulos de base portuguesa, resultante de factores sociolinguísticos específicos. A elevada concentração de escravos de diferentes etnias nas ilhas, muito superior aos portugueses, bem como a perda gradual das línguas africanas de origem proporcionou a formação de línguas de comunicação que se foram complexificando, tendo hoje cinco séculos de história nos dois países. Saliente-se que estes dois países bilingues registam também o maior número de falantes de português, segundo dados actuais do Observatório da Língua Portuguesa: Cabo Verde 87% e São Tomé 91%, ao passo que Angola regista 70%, Moçambique 60% e Guiné-Bissau 57%.⁶

Os cinco países africanos de língua oficial portuguesa que adquiriram a independência política depois do 25 de Abril de 1974, utilizam o português como língua oficial, não só na comunicação internacional mas, também, no ensino e numa grande parte da literatura e da imprensa. O português convive neste cinco países com as variadíssimas línguas nacionais⁷, sendo língua materna de uma percentagem reduzida de falantes. Por exemplo, no caso de Moçambique, é língua materna de apenas 10,7% da população, tendo a restante 89,3% as línguas bantu como idioma materno.⁸

O papel da literatura

No domínio da escrita, a utilização do português é predominante em relação às línguas nacionais (africanas ou crioulos). Manuel Veiga afirma que “o português possui cinco séculos de existência em Cabo Verde, o que lhe confere o estatuto não só de língua oficial (livremente escolhida), mas também de património cultural”.⁹ Actualmente, pode-se estender este estatuto aos países africanos que integram a CPLP (Comunidade dos Países Africanos de Língua Portuguesa), visto que a língua portuguesa é o repositório de um vasto acervo de textos escritos ao longo de cinco séculos que guardam a memória histórica, cultural e religiosa dos jovens estados soberanos. Além de desempenhar um elo de solidariedade política e económica é uma mais-valia no âmbito da cooperação nas áreas da saúde, do ensino, das artes, entre outras.

A literatura produzida pelos autores africanos de língua portuguesa desempenha um papel importante na representação da realidade quotidiana sociocultural e étnica dos seus países. Sendo os contextos linguísticos bilingues ou plurilingues em que o português por vezes é minoritário em relação às línguas maternas, a escrita literária apresenta-se como “um lugar de encontro entre várias línguas num jogo sistemático de interferências”.¹⁰ O contacto de dois ou mais sistemas linguísticos cria por vezes situações de diglossia, recriadas pelos escritores, visando efeitos miméticos, como demonstra

o poema de Viriato da Cruz (1928-1973): - “Kuakié!... Makèzú, Makèzú...”/ - “Antão, véia, hoje nada?”/ - “Nada, mano Filisberto... / Hoje os tempo tá mudado...”// - “Mas tá passá gente perto.../ Como é aqui tá fazendo isso?”// - “Não sabe?! Todo esse povo/ Pegô num costume novo/ Qui diz qué civrização:/ Come só pão com chouriço/ Ou toma café com pão...”.¹¹ Nos versos transcritos, verifica-se também a presença de léxico quimbundo e do dialogismo, recorrentes nos poemas do autor, bem como a crítica à assimilação, responsável pela degradação dos valores tradicionais angolanos.

Luandino Vieira (1935) recorre a processos idêntico nas suas narrativas, libertando a língua portuguesa do código padrão e impregnando a sua escrita de expressões, de construções sintácticas, provérbios e aforismos próprios do quimbundo, uma das línguas nacionais angolanas. Estes recursos permitem-lhe representar personagens de contextos sociais e linguísticos desfavoráveis da periferia urbana de Luanda (o musseque do Sambinzanga), mimetizando a sua oralidade e a apropriação da língua portuguesa. Os seguintes enunciados da obra *Luuanda* (1964)¹² criam no leitor a ilusão de que está, de facto, a escutar as falas das personagens: “A galinha queria-lhe fazer pouco, os olhos dela, pequenos e amarelos xucululavam na dona, a garganta do bicho cantava dizendo: *...ngala ngó ku kakela/ ká...ká...ká... kakela, kakela*”; “Calma então! A cabeça fala o coração ouve! Praquê então se insultar assim? Todas que estão falar no mesmo tempo, ninguém que percebe mesmo”.¹³

Com José Craveirinha (1922-2003), fundador dos alicerces da literatura moçambicana e prémio Camões (1992), a língua portuguesa sofre alterações profundas. O poeta reinventa uma nova língua, distorcendo as regras da morfologia, da sintaxe e da semântica do português padrão, incorporando nos poemas expressões do léxico ronga, neologismos, e a oralidade na escrita. A sua escrita instaura uma ruptura com a poesia anterior de matriz europeia e vincula-se às raízes da realidade moçambicana geográfica, cultural,

étnica e linguística, visando também o compromisso ideológico com o nacionalismo. Todos estes recursos conferem uma nova fisionomia ao significante e imprimem uma plasticidade susceptível de adaptação aos temas essenciais da realidade moçambicana: “eu grito Angoche, Marrupa, Michafutene e Zóbuè/ e apanho as sementes do cutlho e a raiz da txumbula/ e mergulho as mãos na terra fresca de Zitundo”.¹⁴

Também os autores ligados ao movimento Clari-
dade (1936), em Cabo Verde, reinventaram uma escrita literária, “caboeverdianizando” a língua portuguesa, aproximando-a assim do crioulo, de forma a exprimir a autenticidade insular e a tradição oral. No excerto seguinte, veja-se a (re) elaboração do português no plano lexical, sintáctico e semântico, de efeitos sonoros, como se ouvíssemos a musicalidade do crioulo através do português:

Ainda assim Tói Mulato era quem dava companhia ao meu espírito. E eu sentia uma outra espécie de respeito perante os velhos que falavam da vida nhanida da enxada, dos horizontes do mar e das belezas incomparáveis que ele guarda aos seus heróis. [...] Totone Menga Menga era sempre um velho muito velho morado numa casinha coberta de palha no massapé do Chamiço.¹⁵

Apresentámos apenas alguns exemplos paradigmáticos de fenómenos de transformação do português que contribuem, quer para o seu enriquecimento vocabular e melódico, quer para a sua renovação. Na esteira destes primeiros renovadores do idioma comum, os autores africanos continuam a revitalizar o português, como Mia Couto, Ondjaki, Suleiman Cassano e tantos outros. Esta realidade apresenta-se também como um campo de estudo sobre as variedades do português em África. Acresce ainda o conhecimento dos universos referenciais (geográfico, sociocultural e étnico), veiculados pelas literaturas africanas de língua portuguesa.

¹Dados retirados do Observatório da Língua Portuguesa.

²Ivo de Castro. “Língua Portuguesa”, in *Dicionário Temático da Lusofonia*, org. Fernando Cristóvão, Lisboa, Texto Editores, 2005, p. 608.

³Cf. Baltazar Lopes. *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1984, p. 41.

⁴Cf. Maria Emília Madeira Santos. “Missionação (Angola e Congo)”, in Fernando Cristóvão (coord.) *Dicionário Temático da Lusofonia*, Lisboa, Texto Editores, 2005, p. 725.

⁵António Luís Ferronha. “A Língua Portuguesa à Procura do Sul”, in *Atlas da Língua Portuguesa na História e no Mundo*. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda/Comissão Nacional para as comemorações dos Descobrimentos Portugueses, União Latina, 1992, p. 46.

⁶Cf. Miguel Madeira. “Há 244 milhões de falantes de português em todo o mundo”, in *Jornal Público* online de 28/10/2013, consultado a 3 de Abril de 2014 no site <http://www.publico.pt/cultura/noticia/ha-244-milhoes-de-falantes-de-portugues-em-todo-o-mundo-1610559>

⁷Sobre as várias línguas africanas faladas nos países de língua portuguesa e agrupamentos étnicos, veja-se António Luís Ferronha. “A Língua Portuguesa à Procura do Sul”, *id.*, p. 48-69.

⁸Dados disponíveis no site do Instituto Camões, a propósito de um colóquio realizado em Maputo, no dia 15/09/2011, consultado a 3/07/2014: <http://www.instituto-camoes.pt/lingua-e-cultura/mocambique-lingua-portuguesa-em-africa-debatida-em-maputo#sthash.pmW2Mn2s.dpuf>. Não dispomos de dados actuais sobre a situação nos restantes países africanos de língua portuguesa. A guerra e a escolarização alteraram profundamente o panorama linguístico destes países, daí a exigência de estudos estatísticos que implicam tempo, custos e especialistas.

⁹Manuel Veiga. “La langue des îles”, in *Notre Librairie*, nº 112, 1993, p. 73.

¹⁰Georges Ngal traça o inventário de vários processos de interações sociais e linguísticas na criação literária de autores africanos francófonos, similares aos dos autores africanos de língua portuguesa. Cf. Georges Ngal. *Création et rupture en littérature africaine*. Paris, L’Harmattan, 1994, p. 52.

¹¹Viriato da Cruz. Poema “Makézu”, in *No Reino de Caliban*, org. Manuel Ferreira, Lisboa, Seara Nova, 1975, p. 165.

¹²A obra *Luuanda* teve uma 1ª edição em 1964 em Angola, tendo obtido e o prémio literário angolano Mota Veiga, seguindo-se o Grande Prémio de Novelística da Sociedade Portuguesa de Autores, em 1965.

¹³José Luandino Vieira. *Luuanda*. Lisboa, Edições 70, 1988, 9ª ed. p. 127 e p. 129.

¹⁴José Craveirinha. *Xigubo*. Lisboa, Edições 70, [1964] 1980, 2ª ed, p. 21.

¹⁵Baltazar Lopes. *Chiquinho*. Editor África, Lisboa, 1988, 6ª edição portuguesa, 2ª fac-similada, p. 211.